

# **AULA Nº 2**

# **LET110 LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS**

**Funções sociais da  
leitura**

# **Objetivo**

**Compreender as  
funções sociais  
históricas e  
contemporâneas da  
leitura.**


# A importância de Paulo Freire para a compreensão da função social da leitura na sociedade brasileira

Paulo Freire no Open Syllabus  
(<https://opensyllabus.org/>)

- 163º na lista total
- Educação – 6º autor mais citado nos currículos universitários do mundo inteiro

Três realidades, no espaço e no tempo da história, encontram-se soldadas, indiscriminavelmente: o mundo, nós e os outros. É a palavra que estabelece uma circularidade comunicativa, constituidora e de mútuo partejamento de tudo e todos como totalidade. A leitura do mundo, no entanto, precede a palavra que dizemos. O mundo nos precede (MERLEAU-PONTY, 1971). Ao falar, objetivamos nosso pensar, para poder compreendê-lo. É imprescindível uma leitura do mundo que contextualize, geste e emoldure um sentido para palavra. Palavra que, ligada a um contexto, engravidamos de sentidos íntimos e coletivos. Fiore, no Prefácio da *Pedagogia do oprimido* exprime:

→ A cultura letrada não é invenção caprichosa do espírito; surge no momento em que a cultura, como reflexão de si mesma, consegue dizer-se a si mesma, de maneira definida, clara e permanente. [...] A essência humana existencia-se, autodesvelando-se como história. (in FREIRE, 1994, p. 9)



A leitura do mundo e da palavra é, em Freire, direito subjetivo, pois, dominando signos e sentidos, nos humanizamos, acessando mediações de poder e cidadania.

Na palavra do oprimido há um olhar, uma sintaxe que, recuperando Hinkelammert, diz Sung (2000, p. 11): “Há nas relações mercantis e nas relações sociais [...] uma ausência que grita, mas que as aparências [...] escondem”. Da expropriação e do aniquilamento do oprimido brota ampla bagagem de experiências feitas, que lhe tomando o corpo, marcam-lhe a alma. Dos enfrentamentos, sofrências, a vítima buscou a necessária resistência no saber-sobreviver; saber solidário que a protege da completa rendição a que o opressor intenta submetê-la, garantindo o direito à insurgência. Ninguém lê o mundo isolado. Os oprimidos, em comunhão, asseguraram-se de manhas, para não se deixarem transformar em *coisas*. Do lugar onde estão, possuem uma leitura singular, análogo àquele que, situado na periferia, vê também o centro da cidade; moradores do centro, dificilmente, enxergam a periferia.

Há um papel pedagógico e político nesse processo: troca de saberes, interlocução, compartilhamento solidário. O educador não poderá se omitir de, também ele, comunicar *sua* leitura do mundo; tornando claro que não existe uma única leitura possível. Há tantos mundos quanto leituras possíveis dele (polissemia). Leitura alguma, entretanto, é definitiva, terminal. A palavra em mutação nos recria. Rebenta a bitola do tempo, perspectiva o “não encerramento num eterno presente” (STRECK, 2006, p. 146). Freire falava de uma “*releitura*” do mundo, supondo uma leitura feita antes. Podemos repartejar, recriar a palavra, o mundo e nós mesmos no processo de leitura e, ao dizer a palavra que somos, no irrequieto contexto cultural da história, materializando essa libertação na luta histórica contra toda a opressão.





A temática da leitura perpassa várias obras de Paulo Freire, discutindo sua concepção e sua importância, a partir de suas experiências nesse campo, sobretudo em vinculação com propostas de alfabetização de adultos. Já na sua obra clássica e inaugural *Pedagogia do oprimido*, escrita no exílio, no Chile, em 1967 e publicada em português, em 1970, é dedicada atenção especial à leitura no processo de alfabetização, no seu prefácio escrito por Ernani Maria Fiori (1987, p. 20), em que este afirma: “aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra” além de trazer ampla abordagem sobre a investigação dos temas geradores, sua concepção e sua metodologia.

Sua obra *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam* (1982) pode ser considerada, no entanto, o texto-base em que Freire expõe suas ideias centrais a respeito da leitura. Como o próprio título indica, trata-se de uma abordagem sobre a importância do ato de ler, em que o autor explicita a sua compreensão crítica acerca da alfabetização de adultos nas suas interações com a leitura da palavra e a leitura do mundo, expondo também a experiência de alfabetização de adultos desenvolvida por ele e sua equipe em São Tomé e Príncipe, países africanos de fala portuguesa então recém-emancipados. Igualmente em sua obra escrita em parceria com Donaldo Macedo, *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra* (1990), Freire relata outras experiências de alfabetização de adultos, por exemplo, na Guiné-Bissau e outros países africanos de fala portuguesa (1990, p. 45-68).

A aprendizagem da leitura e a alfabetização são questões vistas por Freire sob o ângulo da educação política, por entender toda educação como um ato profundamente político, como escreve no prefácio de *A importância do ato de ler*: “Inicialmente me parece interessante afirmar que sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, um ato criador” (FREIRE, 2001, p. 19). Assim, descarta a possibilidade de uma educação neutra e enfatiza a necessidade de uma compreensão crítica do ato de ler. Na sua concepção, a alfabetização deve consistir em aprender a ler o mundo, a compreender o texto e o contexto, surgindo aí sua célebre afirmação: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (2001, p. 11). Ou seja, trata-se sempre necessariamente de uma concepção crítica de leitura, que implica a percepção das relações entre o texto e o seu contexto, sem fazer dicotomia entre ambas as leituras.

É o que denomina de leitura da “palavramundo” (FREIRE, 2001, p. 12). Contudo, ao falar em mundo não se refere a algo distante e, sim, ao mundo imediato e à realidade próxima, ao seu contexto de vida: “Daquele contexto – o meu mundo imediato – fazia parte, por outro lado, o universo da linguagem dos mais velhos, expressando as suas crenças, os seus gostos, os seus receios, os



seus valores” (FREIRE, 2001, p. 13-14). Isso é algo que o autor não só defende enquanto educador em seus projetos de alfabetização e em suas obras, a partir da década de 1960, mas sobretudo algo que ele também já vivenciou em seu próprio processo de alfabetização na década de 1920, como escreve em seu texto *Minha primeira professora*: “Minha alfabetização não me foi nada enfadonha, porque partiu de palavras e frases ligadas à minha experiência, escritas com gravetos no chão da terra do quintal” (GADOTTI, 1996, p. 31).

Freire desenvolve sua proposta de alfabetização com base no que denomina de temas geradores.

A pesquisa do que chamava de universo vocabular nos dava assim as palavras do Povo, grávidas de mundo. Elas nos vinham através da leitura do mundo que os grupos populares faziam. Depois, voltavam a eles, inseridas no que chamava e chamo de codificações, que são representações da realidade. (FREIRE, 2001, p. 20)

Nesse sentido, a palavra tijolo é exemplar como palavra geradora usada por Freire na alfabetização de adultos trabalhadores na construção civil, em Angicos (RN), na década de 1960, como ele mesmo escreve: “No fundo, esse conjunto de representações de situações concretas possibilitava aos grupos populares uma ‘leitura’ da ‘leitura’ anterior do mundo, antes da leitura da palavra” (FREIRE, 2001, p. 21).

Carlos Rodrigues Brandão, em sua obra *O que é método Paulo Freire*, relata várias experiências de alfabetização de adultos inspiradas na concepção de Freire e em trabalhos desenvolvidos na sua parceria. Mais do que um ‘método Paulo Freire’, expressão que o próprio autor não costumava usar, trata-se de uma concepção e de uma prática pedagógica que vincula a aprendizagem e o exercício da leitura da palavra à leitura do mundo, sem a dicotomia entre a leitura do texto e do contexto, visando pronunciar o mundo e desvelar a realidade (BRANDÃO, 2001, p. 42).

Brandão também escreveu uma obra infanto-juvenil sobre a história de vida e a proposta pedagógica de Paulo Freire, intitulada *História do menino que lia o mundo* (2001), em que o assunto da leitura da *palavramundo* é enfocado, culminando com o jogo das palavras semente, em que ele explicita e exemplifica como ensinar e aprender a ler e escrever a partir da proposta freiriana, por meio de um jogo que, segundo ele, também poderia se chamar “jogo do menino que lia o mundo” (BRANDÃO, 2001, p. 71).



# EMPODERAMENTO

---

Pedrinho Guareschi

Conceito central ao referencial teórico e prático de Freire, presente pela primeira vez no livro *Medo e ousadia*, escrito em parceria com Ira Shor (1986). Os autores já de início alertam para os equívocos a que o termo pode conduzir. Previnem que deve ser tomado não no sentido de dar poder a alguém, em que o sujeito “recebe” de outro algum recurso (com merecimento dele ou sem), dentro de uma perspectiva individualista, mas no sentido de ativar a potencialidade criativa de alguém, como também de desenvolver e potencializar a capacidade das pessoas.

Dentro do amplo referencial freiriano, é importante realçar que o empoderamento não é apenas um ato psicológico, individual, mas um ato social e político, pois o ser humano, para Freire, é intrinsecamente social e político, é *pessoa=relação*. A própria consciência é sempre social, já a partir da própria etimologia: *scire* - saber e *cum* - com (GUARESCHI, 2006). Em muitos de seus escritos, Freire afirma que não acredita numa autolibertação, mas que a libertação é sempre social e coletiva:

Mesmo quando você se sente, individualmente, mais livre, se esse sentimento não é um sentimento social, se você não é capaz de usar sua liberdade recente para ajudar os outros a se libertarem através da transformação da sociedade, então você só está exercitando uma atitude individualista no sentido do empowerment ou da liberdade. (1986, p. 135)

Além disso, num olhar mais crítico e detalhado, pode-se dizer que empoderamento está intimamente ligado à conscientização, tanto assim que em alguns países, como no Canadá, conscientização foi inicialmente traduzida por *empowerment*.

# Referências Bibliográficas

**ZITKOSKI, Jaime José; STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides. Dicionário Paulo Freire - 2ª Edição.**

**Disponível em:**

**<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/36682/pdf>**